

RELATO DE EXPERIÊNCIA

As incubadoras e a extensão universitária

The university incubators and the university

Las incubadoras universitarias e la extensión

Felizardo Tchiengo Bartolomeu Costa¹

Escola Superior Pedagógica do Bengo, Angola

Felicosta_4@hotmail.com

Resumo

Neste artigo, pretende-se relatar a experiência de estágio numa incubadora universitária de cooperativas populares brasileira, descrevendo-se a participação numa das equipas de assessoria às associações, cooperativas de catadores de material reciclável e um projecto de agricultura familiar, demonstrando dessa forma a importância de uma incubadora universitária no desenvolvimento de actividades extensionistas e como alternativa ao enfrentamento de questões sociais importantes, considerando suas especificidades e metodologias de intervenção.

Palavras-Chave: Incubadoras universitárias, trabalho na comunidade, Incop-Unesp/Assis.

Abstract

In this article we intend to report the internship experience in a university incubator of popular Brazilian cooperatives, describing the participation in a team responsible for following recycling associations and cooperatives and a family farming project, thus demonstrating the importance of a university incubator in the development of extension activities and to solve important social matters, considering their specificities and intervention methodologies.

Key-words: University incubators, community work, Incop-Unesp/Assis.

Resumen

En este artículo pretendemos informar la experiencia de pasantía en una incubadora universitaria de cooperativas populares brasileñas, describiendo la participación en un equipo responsable de acompañar a las asociaciones y cooperativas de recolectores de materiales reciclables y un proyecto de agricultura familiar, lo que demuestra la importancia de una incubadora universitaria en el desarrollo de actividades de extensión e importantes cuestiones sociales, considerando sus especificidades y metodologías de intervención.

Palavras clave: Incubadoras universitarias, trabajo comunitario, Incop-Unesp/Assis.

¹ Doutor em Psicologia. Professor auxiliar. Departamento de Ciências da Educação.

INTRODUÇÃO

O principal propósito deste texto é fazer um relato da experiência de estágio numa incubadora universitária de cooperativas populares brasileiras que assessora associações e cooperativas de catadores de material reciclável e um projecto de agricultura familiar, demonstrando dessa forma a importância de uma incubadora universitária no desenvolvimento das actividades extensionistas, considerando suas especificidades e metodologias de intervenção.

As equipas de uma incubadora universitária popular tratam de trabalhar na consolidação de metodologias, que buscam valorizar o acompanhamento do quotidiano de trabalho dos grupos que assessoram, promovendo uma dinâmica que sempre decorre de demandas concretas do grupo e, por isso, muitas vezes emergenciais e espontâneas.

A imersão no quotidiano dos grupos assistidos tem sido a principal ferramenta de interlocução directa entre a incubadora e as equipas de extensionistas. A imersão materializa-se no acompanhamento sistemático do trabalho realizado pelos catadores, desde a organização do trabalho e do espaço até a participação de reuniões nas quais se tomam decisões. Por vezes, é possível também acompanhar os grupos em reuniões com empresas locais, bancos e prefeitura.

Essa participação na vida activa permite ao extensionista conhecer ostensivamente o grupo que acompanha e inclusive criar e estreitar laços com os seus membros. Esse estreitamento de laços transforma-se em confiança, permitindo que a incubadora participe muitas vezes como única mediadora nas negociações entre os grupos que acompanham e os organismos citados anteriormente (empresas locais, bancos e prefeitura).

O que são as incubadoras universitárias?

O contexto do surgimento das incubadoras universitárias no Brasil tem características muito próprias, Bocayuva (2001) sugere que a incubadora surgiu como iniciativa com forte cunho nacional que trazia no centro de suas preocupações as novas relações de trabalho e assentava no cooperativismo, mercado, legislação e sistemas de crédito voltados para o cooperativismo e os microempreendimentos. Assim, as

incubadoras, conhecidas como Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCP), transformaram-se no modelo de acção das universidades no combate ao desemprego e à exclusão por meio de metodologias pensadas para acções de inserção social e combate à pobreza, com impacto no debate sobre políticas públicas, relações de trabalho e renda. Essas preocupações impulsionaram o surgimento de várias cooperativas e da criação posterior de uma rede nacional de ITCPs.

As incubadoras universitárias são lugares plurais que congregam profissionais de áreas diversas. Elas têm crescido cada vez mais no Brasil e tornado-se importantes mecanismos de articulação entre a formação de estudantes e a prática. Por meio da assessoria a grupos populares, são:

(...) espaço de acção e reflexão de extensionistas e pesquisadores, e tem como missão dar apoio profissional aos grupos que desenvolvem trabalho em conjunto, proporcionando a estes ou às cooperativas a inserção nas esferas política, social e económica. Consiste num esforço para difundir a Economia Solidária, mediante outra modalidade de disposição produtiva (Cordeiro, Pisicchio, Alves, Batista, Bansi, Oliveira, Sanches, 2010, p. 109).

Fazem parte destas estruturas professores, pesquisadores, estagiários, extensionistas, técnicos e voluntários de diversas áreas. Segundo Gallo, Dakuzaku e Eid (2000) as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares resultam de uma perspectiva sociopolítica inovadora que contribui para a preservação e ampliação da dignidade e cidadania do trabalhador, constituindo-se, dessa forma, num meio para ajudar trabalhadores a enfrentar as novas formas de precarização do trabalho.

Deste modo, o trabalho das incubadoras está muito ligado à articulação dos interesses da universidade com os interesses de trabalho da comunidade ou dos grupos de trabalho já formalizados (normalmente cooperativas e associações). Elas assentam numa proposta democrática e participativa em sintonia com os princípios do trabalho solidário.

As incubadoras são, portanto, espaços de construção de uma, acção, porém, não qualquer acção, mas a que visa transformar o mundo social, (real e objectivo), produzindo uma nova realidade decorrente de uma tarefa que é objectiva e subjectiva, além de a mesma “poder constituir-se em um espaço importante onde se desenvolvam pesquisas teóricas e empíricas” (Eid, 2004, p. 168).

As metodologias participativas, referência para o trabalho das equipas das incubadoras, já asseguram, por si, uma articulação estreita entre os académicos e os catadores. Estas metodologias embasam-se na Educação Popular (Freire, 1987; Freire e Nogueira, 1999). Na incubadora valoriza-se muito o “[...] andar coletivo de quem descobre que todo o saber que não se abre a ser uma vivência de partilha é um saber não-confiável, porque suas motivações podem ser pouco verdadeiras em um sentido humano” (Brandão, Streck, 2006, p. 12). Estas são, não por acaso, as metodologias mais utilizadas no trabalho realizado pelas incubadoras. As metodologias participativas parecem ser a melhor forma de colocar o real a descoberto, mostrando o sentido que irrompe por detrás dos contactos formais e informais estabelecidos entre os grupos e as equipas da incubadora, permitindo acessar à própria intimidade do grupo.

O contexto da incubadora

O relato de experiência a seguir decorre da participação na Incubadora de Cooperativas Populares da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Incop-Unesp/Assis), num tempo transcorrido entre 2014 e 2016 perfazendo cerca de 699 horas de actividades de extensão na maior parte do tempo como voluntário. Destacamos no relato apenas as actividades consideradas mais relevantes tratando de as descrever de maneira simples e o mais objectivamente possível. A criação da Incop-Unesp/Assis foi formalizada em 2006, inicialmente com 4 (quatro) núcleos (Assis, Bauru, Presidente Prudente e Ourinhos) e com sede em Assis (Carvalho, Torres, Caires, Rocha, Ladeia, Silva, Ireno, Felicio, Souza, Rosa, Conceição & Rocha, 2013).

O núcleo de Assis constituiu-se como projecto de extensão universitária e núcleo de estágio profissionalizante do Curso de Psicologia para os alunos do 4.º e 5.º ano. Sua equipa é constituída por docentes, técnico-administrativos, pesquisadores, estudantes da graduação e da pós-graduação que colaboram na condição de estagiários, extensionistas ou bolsistas da Pró-Reitoria de Extensão ou do CNPq, conforme os convénios executados pela incubadora. Ela integra uma Rede Universitária de Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCP) (Carvalho & Ladeia, 2012), junto com outras 80 instituições em países da América Latina e da Europa tais como: Espanha, Itália e França.

Tem como fonte de financiamento os convénios firmados entre CNPq e a Secretaria Nacional de Economia Solidária.

Ao longo de cerca de 10 (dez) anos, as equipas da incubadora consolidaram uma metodologia que busca valorizar o acompanhamento do quotidiano de trabalho dos grupos, que assessora (Carvalho, Torres, Caires, Rocha, Ladeia, Silva, Ireno, Felício, Souza, Rosa, Conceição & Rocha, 2013; Carvalho, Zóia, Valêncio, Ladeia, Calçado, 2016; Carvalho, Ladeia, 2016), promovendo formações, sempre decorrentes de demandas concretas, muitas vezes emergentes, apresentadas pelos empreendimentos.

A imersão no quotidiano dos grupos assistidos é uma das principais ferramentas de interlocução directa entre a incubadora (por meio das equipas de extensionistas) e os grupos. Esta materializa-se pelo acompanhamento sistemático do trabalho realizado junto dos grupos assessorados (catadores ou famílias da agricultura familiar). O extensionista aprende por meio desse contacto estreito a compreender a realidade concreta dos grupos que acompanha, além de aos poucos compreender a própria lógica que rege as relações entre os membros do grupo, como são divididas as tarefas, como se definem as lideranças, em suma, como se organizam as relações no interior do grupo, mas também aprende como o grupo vê as equipas da incubadora, os parceiros empresariais locais e o próprio Estado, representado aqui essencialmente pelas prefeituras.

O lugar da equipa na incubadora normalmente é estabelecido durante esse processo de inserção do extensionista no grupo. O tipo de inserção a ser feita depende muito das articulações que os membros da incubadora conseguem fazer entre a equipa da incubadora e o grupo (catadores, famílias ligadas à agricultura familiar) e do seu poder de mediação entre grupo/comunidade, grupo/empresas locais e por fim, grupo/Estado.

O aprendizado dentro da incubadora

Neste estágio, podemos dizer que a nossa principal fonte de aprendizado sobre a importância do trabalho da incubadora foi-nos apresentada pelo próprio quotidiano do trabalho de assessoria. A observação das relações de trabalho e a possibilidade de participação desse quotidiano foi muito importante para compreendermos a profundidade da relevância do estabelecimento de uma relação orgânica entre incubadora e grupo

assessorado, pois entender a dinâmica de trabalho e como intervir dependem dessa organicidade.

Actividades desenvolvidas

As actividades de extensão realizadas na incubadora tinham diferentes naturezas, mas todas concorriam para garantir, por um lado, a experiência de contacto dos estudantes com a comunidade que por sua vez beneficiava da assessoria prestada pela universidade com o trabalho de mediação que a mesma fazia junto das empresas locais, bancos e prefeitura municipal; e por outro, responder as principais demandas dos grupos assessorados, independentemente do tipo de demanda. Ou seja, todas as preocupações do grupo eram tratadas como importantes, o que não dispensava a separação entre as mais urgentes e menos urgentes, as que afectavam a produtividade do grupo e as que eram irrelevantes para a produtividade e para o estabelecimento de relações mais saudáveis. Portanto, levava-se em conta na assessoria, não somente a questão da produtividade, mas também o funcionamento do grupo como um todo, dispensando atenção às questões relativas, por exemplo, ao clima de trabalho, confiança entre os membros, crescimento do grupo e dos indivíduos, formação, participação em acções de intercâmbio com outros grupos da região, produção de material informativo, actualização dos regimentos internos, entre outros.

Este acompanhamento dos grupos diz respeito ao que é denominado na gramática das incubadoras de “incubação” (Matarazzo e Boeira, 2016; Nardini, 2007; Cançado, Vieira & Cançado, 2011).

Assim, a assessoria na Incop-Unesp/Assis é levada a cabo por meio de um processo de incubação pelo qual a incubadora toma contacto com o grupo e decide se o pode apoiar, formaliza a relação e inicia o processo de incubação, normalmente complexo e longo, dando às vezes a impressão de ser praticamente interminável. O pressuposto da desincubação é a maturidade do grupo assessorado. Maturidade administrativa, econômica, cultural e política. A desincubação, seria portanto, uma espécie de desmame e poderia ser decidida pela incubadora ou pelo colectivo assessorado. Antes da desincubação o grupo passaria por várias fases, como por exemplo, as de formalização que passam pela

transformação em associação, evolução para cooperativa de trabalho ou de produção, independência financeira e administrativa, formação da liderança, entre outras. Se as fases fossem seguidas, a desincubação seria por hipótese, um processo naturalmente desencadeado pelo grupo. É evidente que na prática esta incluiu aspectos que não são aqui discutidos.

Quanto às acções dirigidas aos membros da incubadora, as actividades podiam ser: reuniões semanais de supervisão, de que faziam parte todos os membros da incubadora (professores, pesquisadores, estagiários, extensionistas, técnicos e voluntários); reuniões dos grupos de trabalho, que aconteciam dentro das equipas empenhadas no acompanhamento de um grupo ou actividade específica, ida ao campo que se enquadrava na actividade regular de assessoria aos grupos, organização e participação de eventos, resposta aos editais por meio da elaboração de projectos para captação de financiamento, reuniões de grupos de estudo, participação em projectos de pesquisa, entre outras actividades.

Reuniões de supervisão

As reuniões de supervisão, coordenadas pelos supervisores da incubadora decorriam semanalmente e duravam em média quatro horas. Elas eram o principal espaço de discussão e de formação, nas quais eram abordados assuntos concernentes aos projectos em execução (prazos, financiamentos, números de bolsistas, prestação dos bolsistas, etc.). Muitas vezes as reuniões de supervisão transformavam-se em oportunidade para os membros da incubadora colocarem as suas angústias ligadas ao estágio e às equipas de que faziam parte. As reuniões também eram o espaço no qual se discutia o resultado da ida ao campo, a assessoria dos grupos populares e socializavam-se informações. A participação da supervisão era obrigatória, excepto para os extensionistas voluntários e a presença era, posteriormente, transformada em créditos para as actividades complementares do currículo.

Reuniões dos grupos de trabalho

Cada equipa constituía na prática um grupo de trabalho, realizava as suas próprias reuniões para decidir a melhor forma de abordar as questões inerentes ao grupo que assessorava, tendo em conta as características do mesmo, como por exemplo, município,

tamanho do grupo, estilo de liderança, necessidade de financiamento para compra de máquinas ou aquisição de equipamentos de trabalho e dia e horário das visitas e reuniões com os membros dos grupos assessorados, etc. Portanto eram reuniões de carácter técnico.

Ida ao campo

A ida ao campo era o nome dado às visitas realizadas pelos grupos no seu próprio território. Elas eram a consequência directa da necessidade de se estabelecer contacto com a realidade concreta dos grupos. As mesmas aconteciam de acordo com uma programação prévia acordada entre o grupo a ser assessorado e a equipa da incubadora. A ida ao campo também podia ocorrer por demandas espontâneas, por exemplo, alguma reunião ou visita em que o grupo entendesse ser importante a presença da equipa da incubadora. Nestes casos o grupo comunicava a equipa que se organizava para ir ao encontro do grupo. Esse modo de trabalho estava alinhado à metodologia de trabalho da incubadora que em vez de se colocar como fiscal, preferia construir uma relação de parceria com os grupos.

Participação na organização de eventos

Durante o período de actuação na incubadora, foi possível participar de vários eventos, dentre os quais destacamos a Conferência Macroregional de Economia Solidária do Oeste e Centro-oeste Paulista – directrizes para planos e territórios de economia solidária. Este evento é importante, pois é um dos com maior participação na região, contemplando a presença tanto de pesquisadores, quanto de membros de diversos grupos assessorados por incubadoras espalhadas pela região.

Participação em projectos de pesquisa

A pesquisa é indissociável da extensão universitária. Fazendo parte da incubadora foi também possível participar de um grande projecto de pesquisa. Parte da colaboração nesta pesquisa foi feita na condição de bolsista de produtividade do CNPQ EXP-C. A mesma consistia na Sistematização de uma metodologia de incubação fortalecedora do desenvolvimento e da autonomia de grupos populares. No final do projecto, obtivemos 2 (dois) resultados principais: (1) produção de uma cartilha juntamente com os catadores dos grupos assessorados na qual se descreve o Roteiro de Identificação da Situação Actual da

Associação/Cooperativa de catadores e catadoras (RISAAC) e (2) publicação de um livro colectivo (Metodologia de incubação e diagnóstico participativo: estratégia de trabalho com grupos populares), composto por textos escritos pelos membros da incubadora para reflectir sobre a sua *práxis* seguindo a perspectiva de Vazquez (1997).

O RISAAC usa o saber e o fazer que as catadoras e os catadores acumulam ao longo da sua experiência associativa e na relação de trabalho e parceria entre os grupos populares e a incubadora, é uma ferramenta de diagnóstico e planificação com três (3) grandes áreas: gestão do processo produtivo, gestão administrativa e democrática e relação externa (Carvalho, Zóia, Valêncio, Ladeia & Calçado, 2016) possibilitando uma análise multifacetada dos grupos assessorados.

DISCUSSÃO

Para os estudantes a incubadora é importante porque ajuda a dar materialidade àquilo que aprendem nos seus cursos, além de ampliar a sua experiência na medida em que as actividades nas quais eles precisam estar envolvidos vão muito além da sua formação, ou seja, o estudante de Psicologia, por exemplo em algum momento, é levado a participar da construção de um regulamento ou regimento interno da associação, que acompanha ou mesmo a conhecer os processos administrativos necessários para a constituição de uma associação ou de uma cooperativa na mesma medida em que também aprende a observar as dinâmicas relativas às relações de trabalho que fazem parte da sua esfera de actuação (Psicologia do trabalho e das organizações, Psicologia, social, comunitária, etc.).

O mesmo poderia ser dito de um estudante de engenharia, que enquanto apoia o grupo na criação de uma tecnologia social, toma contacto com as demandas sociais do grupo. Neste sentido, os processos de formação tornam-se amplos, não se restringindo apenas aos respectivos campos de formação, mas oferecendo-lhes possibilidade de interlocução com outros campos, seja pela prática no quotidiano dos grupos, seja pela presença na própria incubadora de estudantes, docentes, pesquisadores e técnicos de diferentes áreas do saber.

As reuniões de supervisão afirmam-se como um lugar por excelência de formação na medida em que é por meio delas que os estudantes encontram a necessária mediação

entre as suas próprias demandas técnicas e as demandas dos grupos que assessoram ao colocarem em discussão as preocupações trazidas da ida ao campo, mas não só. Esse processo pode ser complementado mediante dois movimentos: as reuniões de grupo e a ida ao campo. Sobre as primeiras, como já foi dito, elas possuem um carácter técnico e muitas vezes podem ser estendidas aos grupos de estudos formados mais ou menos espontaneamente.

Quanto à ida ao campo ela cumpre várias funções, mas podemos destacar como fundamental o contacto com a realidade concreta dos grupos assessorados. Nesse momento, o estudante encontra o “real” na condição de vida dos sujeitos que fazem parte do grupo, toma contacto com os seus bairros, as suas casas e famílias, dando materialidade às discussões feitas a posterior na supervisão, evitando que se tornem uma abstração ingênua de um “objecto de estudo distante”. A entrada para o território do grupo assessorado, é também o momento em que os catadores ou as famílias do projecto de agricultura familiar, tornam-se reais para a universidade. É esse conjunto de experiências que alimenta os eventos organizados pela incubadora como o caso da Conferência Macroregional de Economia Solidária do Oeste e Centro-oeste Paulista e é também esse conjunto de experiências que viabiliza a produção de materiais tais como a cartilha que descreve o Roteiro de Identificação da Situação Actual da Associação/Cooperativa de catadores e catadoras (RISAAC) ou a obra a que nos referimos antes (Metodologia de incubação e diagnóstico participativo: estratégia de trabalho com grupos populares), portanto, pode-se dizer sobre a incubadora, que surge como um instrumento que pode:

Servir à universidade na medida em que permite construir um espaço múltiplo, criando oportunidades de estágio, prática extensionista, aperfeiçoamento do aprendizado dos alunos por meio do contacto com a realidade concreta e ambiente para iniciação à pesquisa científica. Todas essas possibilidades carregam para os alunos, no contexto de uma incubadora implicações profissionais importantes como campo de actuação no enfrentamento das vulnerabilidades sociais envolvendo grupos ou comunidades em situação de desempregabilidade;

Serve ainda como mediadora entre as demandas de trabalho e geração de renda para os grupos e pessoas que assessora e aplicação de políticas públicas de trabalho e emprego para grupos vulnerabilizados.

A incubadora oferece inúmeras possibilidades de intervenção junto da comunidade tendo como eixo principal o trabalho de organização dos grupos que acompanha de forma a oferecer-lhes uma estrutura mais formal e, nesse sentido, mais capacitada para acessar aos benefícios de tal formalização junto da comunidade, dos parceiros empresariais locais, do Estado e inclusive da própria universidade.

Aqui, aproveitamos o gancho da discussão para assinalarmos as potencialidades representadas pelo tipo de intervenção levada à cabo pelas incubadoras, num contexto como o nosso (angolano) caracterizado por situações de extrema vulnerabilidade, considerando que, por exemplo, Angola encontrava-se em 2013 no 149º lugar no índice de desenvolvimento humano e com pelo menos 36% da população vivendo abaixo do limiar da pobreza (Afonso e Caetano, 2014). Mais recentemente o Instituto Nacional de Estatística (2020) aumentou esta estimativa para 40,7% junto de uma taxa de desemprego entre os jovens, (maioria da população) de 56,5%.

É neste contexto em que as incubadoras universitárias podem ser vistas com alternativa extremamente criativa, que permite uma articulação orgânica entre universidade, comunidade e Estado. Tal forma de conceber a incubadora é feita tendo como substracto a proposta de Vasquez (1997) que sugere que o homem comum é um ser social e histórico; imerso numa rede de relações sociais e enraizado num determinado terreno histórico. Suas práticas quotidianas estão, portanto, condicionadas historicamente, bem como sua visão de sua própria actividade concreta. Sua consciência alimenta-se de aquisições de toda espécie: ideias, valores, juízos e preconceitos, etc. Deste modo, sua atitude diante da práxis já implica um nível de consciência do facto prático. Sua consciência da práxis está carregada ou penetrada de ideias que estão no seu ambiente. Ou seja, não há como desligar o trabalho de uma incubadora da realidade concreta dos sujeitos que assiste, sendo esse o único caminho para compreender em profundidade as reais demandas da sociedade.

Neste sentido, a experiência brasileira pode ser uma interessante fonte de inspiração para, observando a forma como essa organicidade é construída se possa cá entre nós, a partir é claro de um processo de construção nacional, que considere o contexto e de uma cuidada experiência internacional comparada, construir-se um caminho que melhor se adapte ao que se pretende quanto à assistência dos grupos que consideramos injustamente marginalizados não somente economicamente, mas política e culturalmente.

À GUIA DE CONCLUSÃO

O presente relato pretende provocar uma discussão mais ampla, sobre o papel da universidade angolana e como ela pode de facto intervir por meio da extensão universitária, de forma criativa para ajudar a melhorar a condição de vida das comunidades em que se encontra inserida, na mesma medida em que melhora a própria experiência de aprendizagem dos seus alunos. Neste sentido, a incubadora ao permitir uma aproximação concreta com o campo de experiências e vivências das áreas de formação e de interesse dos estudantes, dando-lhes a oportunidade de transpor a teoria, ao mesmo tempo em se constitui como ferramenta igualmente concreta para a produção de alternativas de trabalho e geração de renda para os grupos por ela assessorados, cria por assim dizer as condições que permitem responder tanto ao problema da melhoria da experiência de aprendizagem, quanto à questão da sua participação na comunidade.

É evidente que as questões não ficam todas resolvidas com a existência de uma incubadora, mas ficam, ao menos, abertas as possibilidades para a descoberta e invenção de alternativas senão mais criativas, pelo menos mais participativas.

REFERÊNCIAS

- Afonso, A. e Caetano, C. (2014). *Diagnóstico de gênero em Angola*. União Europeia.
- Bocayuva, P. C. C. B. (2001). Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares. In: Ilka Camarotti e Peter Spink. (Org.). *Redução da Pobreza e Dinâmicas Locais*. Rio de Janeiro: FGV, v. 1, p. 235-261.
- Brandão, C. D. e Streck, D. R. (org). (2006). *Pesquisa participante: a partilha do saber*. Aparecida, SP: Ideias & Letras.

Cardoso Cançado, Airton; dos Santos Vieira, Naldeir; Moura Guimarães Cançado, Anne Caroline. (Outubro/Dezembro, 2011). Análise dos resultados obtidos pela metodologia dos indicadores de incubação de cooperativas populares em empreendimentos solidários do Bico do Papagaio/TO. *Revista Alcance*, vol. 18, núm. 4, pp. 516-535 Universidade do Vale do Itajaí Biguaçu, Brasil

Carvalho, A. M. de e Ladeia, C. R. (Org.) . (2016). *Metodologia de incubação e de diagnóstico participativo: estratégia de trabalho com grupos populares*. 1. ed. São Paulo: Cultura Acadêmica.

Carvalho, A. M. de e Ladeia, C. R. (2012). Olhares na perspectiva da extensão universitária sobre a formação da rede de catadores no oeste paulista. In: Araújo, M. A. M. de e Almeida, L. L. de. *Incubadoras de cooperativas populares. As experiências da UNESP*. São Paulo: Cultura acadêmica.

Carvalho, A. M. R. de; Torres, A. E. ; Caires, B. ; Rocha, C. A. C. ; Ladeia, C. R. ; Silva, F. S. ; Ireno, P. A. B. ; Felicio, R. G. ; Souza, R. A. ; Rosa, T. F. ; Conceicao, R. G. ; Rocha, S. R. C. Considerações Gerais sobre Metodologia de Incubação, Educação para a Autogestão e Movimento de Economia Solidária. In: Sylvia Leser de Melo; Reinaldo Pacheco da Costa; Gabriela Rizzo Iervolino; Erica Aparhyan Stella. (Org.). (2013). *Articulando: Sistematização de Experiências de Incubadoras Universitárias de Cooperativas Populares*. 1ed.São Paulo: Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares da Universidade de São Paulo.

Carvalho, Ana Maria Rodrigues; Zóia, Anelise Barbara; Valêncio, Anita; Ladeia, Carlos Rodrigues; Calçado, Dayane Rodrigues (Org). (2016). *RISAAC - Roteiro de Identificação da Situação Atual de Associações / Cooperativas de Catadoras e Catadores de materiais recicláveis*. Assis: UNESP - Campus de Assis.

Cordeiro, S. M. A.; Picicchio, R. J.; Alves, J. C.; Batista, L. S., Bansi, L. C.; Oliveira, M. A. de.; Sanches, H. M. (2010). Incubadora tecnológica de empreendimentos solidários – INTES/UEL: História e desafios. In: Boeinelli, B.; Santos, L. M. do; Pitaguari, S. O. *Economia solidária em londrina e a experiência institucional*.

Eid, F. (2004). Análise sobre processos de formação de incubadoras universitárias da Unitrabalho e metodologias de incubação de empreendimentos de economia solidária. In: *Trabalho e Educação - Arquitetos, Abelhas e Outros Tecelões da Economia Popular Solidária*. Aparecida - São Paulo : Idéias & Letras, v.1, p. 167-188.

Freire, P. (1987). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. e Nogueira. (1999). A. *Que fazer: Teoria e prática*. Petrópolis: Vozes. 1999.

Gallo, Ana Rita; Dakuzaku, Regina Yoneko; Eid, Farid. (2000). Organização cooperativista popular como alternativa à precarização do trabalho. *Revista UNIARA*, Araraquara - SP, v. 8, p. 23-35.

Instituto Nacional de Estatística. (2020). *Síntese dos principais indicadores*. Disponível em: https://www.ine.gov.ao/images/IEA_IV_TRIM_2019.PNG. Acessado em 05 de Maio de 2020.

Matarazzo, Gustavo; Boeira, Sérgio Luís. (2016). Incubação de cooperativas populares: representações sociais e tensões entre racionalidades. *Cadernos EBAPE*. BR, vol. 14, núm. 1, enero-marzo, pp. 207-227. Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas Rio de Janeiro, Brasil.

Vazquez, A. S. (1997). *Filosofia da práxis*. Trad. Luiz Fernando Cardoso. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Recebido em 27 de Janeiro de 2020
Aceite em 30 de Março de 2020
Publicado em 20 de Maio de 2020